

O onset no angolar moderno

The onset in modern Angolar

Manuele Bandeira*

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do
Conde, BA, Brasil

Ubiratã Kickhöfel Alves**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: O angolar é uma das línguas autóctones da República de São Tomé e Príncipe. Este estudo tem como finalidade descrever o ataque silábico do angolar a partir da Teoria da Sílabas (Selkirk, 1982). Como *corpus*, analisamos 1524 itens coletados, em 2014 e em 2018, em São Tomé e Príncipe, a partir de gravações com bilíngues (falantes de angolar como língua materna e de português como segunda língua). A partir do *software* Dekereke (Casali, 2022), registramos as seguintes estruturas: V, CV, CGV, CCV, CVC, VC e VG. No ataque silábico, é possível haver uma ou duas consoantes, o que pode gerar um *onset* simples de C ou complexo C₁C₂, com as seguintes configurações: 1) C₁ pode ser uma obstruente (b, p, t, d, k, g, f, v), seguida por C₂ (l, r); 2) C₁ pode ser uma consoante (b, p, t, d, k, g, f, v, s), seguida por G (w, j). Nasais em início de palavra seguidas por obstruintes foram consideradas oclusivas pré-nasalizadas, constituídas por um único segmento de contorno em *onset*. Ademais, constatamos que o ataque silábico no angolar atende ao Princípio da Sequência de Sonoridade, sendo, portanto, crescente até o núcleo silábico: C₁C₂ (0 > 2); e C₁G (0 > 3).

Palavras-chave: Onset. Angolar. Teoria da sílaba. São Tomé e Príncipe.

Abstract: Angolar is one of the autochthonous languages of the Republic of São Tomé and Príncipe. This study aims to describe the syllable onset in Angolar, based on Syllable Theory (Selkirk, 1982). As for the corpus, we analyzed 1524 items collected in 2014 and in 2018 in São Tomé and Príncipe, based on recordings with bilinguals (speakers of Angolar as their mother tongue and Portuguese as their second language). Using the Dekereke software (Casali, 2022), we detected the following structures: V, CV, CGV, CCV, CVC, VC and VG. In syllable onset, one or two consonants are legal. This can generate a simple onset (C) or a complex C₁C₂ sequence with the following configurations: 1) C₁ may be an obstruent (b, p, t, d, k, g, f, v) followed by C₂ (l, r); 2) C₁ may be a consonant (b, p, t, d, k, g, f, v, s) followed by G (w, j). Word-initial nasals followed by obstruents were considered pre-nasalized stops, consisting of a single contour segment in onset position. Furthermore, we highlight that syllable onsets in Angolar follow the Sonority Sequence Principle, as its elements increase in sonority up to the syllable nucleus: C₁C₂ (0 > 2); and C₁G (0 > 3).

Keywords: Syllable onset. Angolar. Syllable Theory. São Tomé and Príncipe.

1 INTRODUÇÃO

O angolar é uma língua nativa da República de São Tomé e Príncipe (cf. Figura 1) e, ao lado do santome e do lung'le, tem, como ancestral, o protocrioulo do Golfo

* Professora Adjunta, Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, Instituto de Humanidade e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, BA, Brasil; manuelebandeira@unilab.edu.br

** Professor Associado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil; ukalves@gmail.com

da Guiné (doravante PGG) (Bandeira, 2017). O presente artigo tem como objetivo tratar do ataque silábico do angolar (código ISO 639-3: o angolar (AOA)) a partir da Teoria da Sílabas (Selkirk, 1982).



Fonte: Mapmaker (2024).

Figura 1 - Mapa de São Tomé e Príncipe.

Atualmente, o angolar é utilizado como língua nas comunidades costeiras da ilha de São Tomé. Estima-se que um total de 11.377 pessoas falam o angolar como língua materna ou língua adicional, de acordo com dados do INE (2013), em uma população absoluta de 173.015 habitantes do país. Os falantes de angolar estão concentrados em zonas litorâneas específicas, incluindo o distrito de Caué, da Ribeira Afonso até Porto Alegre, e o litoral noroeste, a partir de Neves até Bindá, no distrito de Lembá. Além disso, existem pequenos grupos de falantes próximos à cidade de São Tomé, em São João da Vargem, Pantufo e Praia Melão (Ceita, 1991).



Fonte: Maurer (2013).

Figura 2 - Localização de três comunidades de falantes do angolar em São Tomé.

Para abordar a origem do angolar, é essencial primeiro entender o contexto da colonização portuguesa em São Tomé. No início do século XVI, a interação entre colonos portugueses e escravizados africanos levou ao surgimento do protocioulo do Golfo da Guiné (PGG) (Bandeira, 2017). Em meados do século XVI, alguns falantes do PGG fugiram dos engenhos de açúcar e formaram comunidades isoladas, nas quais

o protocrioulo se ramificou no que hoje é conhecido como o angolar, devido a um certo nível de isolamento e à chegada de novos escravizados.

Ferraz (1974) sugere que o angolar está relacionado ao santome e ao lung'Ie, descartando a hipótese de uma população pré-portuguesa em São Tomé. Ele propõe que os escravizados fugitivos estavam familiarizados com o PGG, o que facilitou o desenvolvimento do angolar, que compartilha 67% do léxico com o santome. A mudança na área de recrutamento de escravizados do Benim para regiões bantu, como o Congo e Angola, trouxe línguas como o kikongo e o kimbundu para a ilha de São Tomé. No entanto, Hagemeijer (2009) argumenta que o kimbundu atuou como uma língua de adstrato, sem efeito fundador, sendo o edo a principal língua de substrato na formação do angolar.

Ainda que o angolar derive do PGG e tenha o substrato edoíde, a influência bantu é evidente em seu léxico. Prova disso é a existência de palavras bantu no angolar, não encontradas no santome. Maurer (1992) afirma que 65% do léxico do angolar é português, 1% de línguas kwa, e 14% de línguas bantu, com 20% de origem incerta, provavelmente bantu. Hagemeijer (2009) confirma que 92% do léxico africano no angolar é bantu, com pequenas contribuições de línguas edoídes e iorubá. Em resumo, o angolar, língua-filha do PGG, já se encontrava constituído quando houve a chegada massiva de escravizados das regiões bantu, cuja influência linguística foi significativa, mas posterior à formação inicial da língua (Bandeira, 2017).

Uma parcela de 6% da população total de São Tomé e Príncipe (STP) utiliza o angolar (INE, 2013). Seus falantes definitivamente não costumam se enquadrar no perfil do monolinguismo, uma vez que possuem um domínio tanto do angolar quanto do português. Essa característica bilíngue implica, obviamente, a influência mútua entre as duas línguas no cotidiano. Entre os utentes de angolar, os mais jovens tendem a falar português como primeira língua (L1) e o angolar como segunda língua (L2), enquanto os mais velhos geralmente têm o português como segunda língua (L2) e o angolar como L1. Como esperado, o contínuo contato com o português leva a variações fonéticas, fonológicas e lexicais no angolar, devido à influência do português, a língua majoritária. Por conseguinte, distinguir entre falantes de angolar como L1 e L2 é crucial para entender as mudanças da língua. Os falantes de português como L1 podem revelar uma maior influência do português no angolar. Em vista disso, nesta pesquisa, analisamos os dados de falantes do angolar como língua materna, procurando assim compreender as suas características em seu uso ordinário (ver seção 4).

Apesar de sua relativa vitalidade, o angolar não tem sido alvo de estudos sistemáticos, tendo a descrição pioneira sido publicada há mais de duas décadas, intitulada *L'angolar: Un créole afro-portugais parle à São Tomé. Notes de grammaire, textes, vocabulaire* (Maurer, 1995). Posteriormente, uma pesquisa de doutoramento foi realizada: *The Angolar creole Portuguese of São Tomé: its grammar and sociolinguistic history* (Lorenzino, 1998). Quase três décadas depois, para realizar a reconstrução do protocrioulo do Golfo da Guiné, a língua ancestral dos crioulos nativos de STP, Bandeira (2017) realizou uma descrição do sistema fonológico do angolar. Tal análise fomentou um estudo subsequente com o intuito de estabelecer comparações com as duas propostas pioneiras e propor um estabelecimento preliminar de aspectos fonético-fonológicos gerais a respeito dos sistemas consonantal, vocálico e silábico do angolar moderno (Bandeira; Agostinho; Freitas, 2021).

A pesquisa aqui empreendida busca oferecer uma contribuição aos estudos dos crioulos do Golfo da Guiné. Trata-se de uma análise inédita, tendo em vista que ainda não houve uma pesquisa dedicada somente à descrição do ataque do angolar. É fundamental investigar as características silábicas de uma língua cuja descrição apresenta lacunas. A investigação proposta é, portanto, original e se concentra em aspectos silábicos pouco explorados do angolar, fornecendo uma base para comparação futura com outras línguas africanas, como as línguas dos grupos edo e bantu.

Tendo delineado um breve panorama socio-histórico do angolar, com o intuito de nortear esta pesquisa, foram estabelecidos os seguintes objetivos: i) descrever os padrões silábicos presentes em angolar quanto ao *onset*; ii) identificar as relações entre o ataque silábico do angolar e os Princípios da Sonoridade; iii) comparar a análise da amostra coletada com as descrições prévias de Maurer (1995), Lorenzino (1998), Bandeira (2017) e Bandeira et al. (2021). Na próxima seção, serão observados os padrões silábicos estabelecidos por estudos anteriores sobre a língua.

2 ANGOLAR: ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE A SÍLABA

O inventário fonológico consonantal do angolar é constituído por dezesseis fonemas: /p, b, t, d, k, g, f, v, θ, ð, l, m, n, ɲ, j, w/ (Bandeira, 2017; Bandeira, Agostinho, Freitas, 2021). Quanto ao seu sistema vocálico, o angolar possui sete vogais orais (/i e e ε a ɔ o u/) e sete longas (/ii ee εε aa ɔɔ oo uu/), de acordo com Bandeira (2017). A respeito da sílaba do angolar, trataremos, primeiramente, das propostas pioneiras, a primeira feita por Philippe Maurer (1995) e a segunda por Gerardo Lorenzino (1998). No Quadro 1, estão demonstradas as estruturas silábicas encontradas em quatro estudos:

Quadro 1 – Estruturas silábicas do angolar segundo Maurer (1995), Lorenzino (1998), Bandeira (2017) e Bandeira et al. (2021).

	Maurer (1995)	Lorenzino (1998)	Bandeira (2017)	Bandeira, Agostinho e Freitas (2021)
V	a <i>PRO</i>	a <i>PRO</i>	o 2PL	o 2PL
VV	ôu ‘costurar’	---	ee ‘sim’	ee ‘sim’
CV	pê ‘pôr’	ta <i>TMA</i>	bithu ‘bicho’	bithu ‘bicho’
CVV	fiira ‘ferida’	bεεga ‘barriga’	faaku ‘fraco’	faaku ‘fraco’
CGV	---	kwa ‘coisa’	thagwa ‘enxaguar’	thagwa ‘enxaguar’
VN	anda ‘andar’	---	andhu ‘recém-nascido’	andhu ‘recém-nascido’
CVN	---	---	lamba ‘cubrir’	lamba ‘cubrir’
CVVN	---	---	laandha ‘laranja’	laandha ‘laranja’
CGVN	---	---	kwanda ‘cume’	kwanda ‘cume’
N	---	---	---	Nge ‘ser humano’
CCV	---	---	---	bixikleta ‘bicileta’

Fonte: Bandeira (2017); Bandeira, Agostinho, Freitas (2021).

De acordo com a análise dos dados coletados e com as descrições de Maurer (1995) e Lorenzino (1998), o angolar apresenta padrões fonológicos silábicos como V, VV, CV, CVV, CGV e VN.

Bandeira (2017), em sua tese de doutoramento, tinha como objetivo primordial a reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné a partir de comparações sistemáticas de suas línguas-filhas, o angolar, o santome, o lung’Te e o fa

d'Ambô. Diante disso, o *corpus* do angolar utilizado para análise esteve circunscrito aos cerca de 540 conjuntos de cognatos, pertencentes ao léxico básico e mais antigo das quatro línguas. Na análise, Bandeira (2017) observou que o angolar apresentava os seguintes tipos silábicos: V, VV, CV, CVV, CGV, VN, CVN, CVVN e CGVN. Segundo a autora, o angolar sistematicamente apresentava dissoluções de *onsets* complexos de itens herdados da sua língua-mãe, como se pode ver no Quadro 2:

Quadro 2 - Dissolução dos *onsets* complexos do protocrioulo no angolar antigo.

Protocrioulo	Angolar	Glosa
*'blasu	['ba:θu]	'braço'
*'blaNku	['bɐ:kɔ]	'branco'
*'gleza	['ge:ðɐ]	'igreja'
*'pletu	['pɛ:tɔ]	'preto'
*'plaga	['pa:gɐ]	'praga'
*sɔ'pla	[sɔ'pa]	'assoprar'

Fonte: Bandeira (2017).

Contudo, em sua tese, Bandeira (2017) já alertava para a existência de uma flutuação nos padrões silábicos, em um recorte sincrônico, a partir do apagamento da líquida com ou sem alongamento compensatório, por um lado, e a presença de *onsets* complexos, por outro:

1. ['go:su] ~ ['glosu] 'grosso'
2. ['fo:ri] ~ ['flori] 'flor'
3. [obli'ga] 'obrigar'
4. [bu'ga] ~ [blu'ga] 'descascar'
5. [ma'de] ~ [ma'dre] 'útero'

Diante do quadro apresentado por Bandeira (2017), permaneceu como ponto em aberto a seguinte pergunta: 1- existe *onset* complexo no angolar moderno? Em vista desse questionamento sobre sílaba e sobre outros pontos, Bandeira, Agostinho e Freitas (2021) apresentam um estudo sobre aspectos fonético-fonológico do angolar moderno com base nos dados reunidos na tese de doutoramento de Bandeira (2017). Para a pergunta supramencionada, as autoras apresentam resposta afirmativa. De acordo com as autoras, o *onset* pode consistir em um ou dois segmentos, incluindo C, CC e CG, em que a segunda consoante pode ser /j/, /w/, /l/ ou [r]². A resposta afirmativa para a pergunta supramencionada levanta questões que merecem futuras investigações. Possíveis influências externas, como o contato com o português, poderiam ter contribuído para o desenvolvimento atual do angolar, como a presença de *onsets* complexos. Contudo, ainda que as variedades urbanas do português de São Tomé e Príncipe demonstrem um alto índice de dissolução de *onsets* com essa configuração (Balduino, 2022), não se sabe ao certo a respeito do comportamento dos ataques complexos em variedades faladas em zonas interioranas. Não se pode, por

² Bandeira, Agostinho e Freitas (2021) identificaram variações lexicais entre [r], [d] e, ocasionalmente, [l], mas não encontraram pistas suficientes para classificar o rótico como um fonema independente no angolar. Segundo as autoras, pares mínimos mostraram /d/ e /l/ como fonemas distintos (por exemplo, **data** 'quantidade' versus **lata** 'lata'), enquanto [r] sempre variou com [d] e às vezes com [l]. Em alguns casos, como **dooba** 'dobra' (**rooba** não é aceito), [d] e [r] não são intercambiáveis sem que o item seja reconhecido como fora do angolar. Informantes mais velhos associam algumas variações com [d] ao português, indicando uma influência externa.

outro lado, descartar a possibilidade de que resquícios históricos do PGG tenham sido preservados na estrutura fonológica do angolar moderno. As autoras assumem a mesma posição de Agostinho (2015, 2016) para o lung'Ie e de Araujo e Agostinho (2014) para o fa d'Ambô em relação aos glides, porque as três línguas são geneticamente relacionadas e os glides se comportam como consoantes no jogo de linguagem em lung'Ie e fa d'Ambô³. Haveria, portanto, as seguintes estruturas silábicas em angolar, de acordo com Bandeira et al. (2021): V, N, VN, CV, GV, CVN, CGV, CGVN, VV, CCV, CVV e CVVN.

De acordo com Bandeira et al. (2021), o núcleo silábico deve ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma nasal silábica, sendo a sílaba mínima V ou N. Segundo Bandeira et al. (2021), como nas outras línguas-irmãs, em angolar, a nasal silábica, na posição de núcleo, seria uma consoante hospedeira que ocorre em conjunto com outra consoante, como em /Nge/ ['ŋ.ge] 'ser humano'. O angolar seria, por conseguinte, a língua-filha do PGG mais resistente ao preenchimento da coda, conforme observado por Maurer (1995), permitindo que apenas a consoante /N/ ocupasse essa posição⁴. No entanto, a análise proposta por Bandeira et al. (2021) suscita uma questão: onde, de fato, está localizada a nasal no angolar: no núcleo ou na coda? Assumir simultaneamente as duas posições para a nasal, como sugerido por Bandeira et al. (2021), não parece um pressuposto consistente, o que demanda uma nova abordagem no que diz respeito à consoante. Ao reconhecer esse fato, torna-se crucial refletir sobre a natureza da suposta nasal silábica no angolar e sua posição na sílaba. Portanto, a presente análise poderá viabilizar um avanço na compreensão acerca da sílaba do angolar. Além disso, esta análise é pioneira ao aplicar o referencial teórico referente à Teoria da Sílaba, a partir da estrutura silábica de Selkirk (1982), na investigação da estrutura silábica do angolar. Na próxima seção, apresentaremos brevemente o nosso referencial teórico sobre a Teoria da Sílaba (Selkirk, 1982).

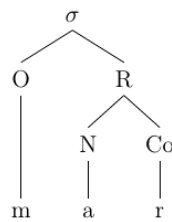
3 REFERENCIAL TEÓRICO: TEORIA DA SÍLABA (SELKIRK, 1982)

Os fundamentos que regem a construção da sílaba básica referem-se à hierarquia de importância existente entre os componentes que a constituem, conhecidos como Princípios de Composição da Sílaba Básica, ou seja, entre o ataque e a rima, bem como entre o núcleo e a coda, como em (1) (Selkirk, 1982, Bisol, 2013).

³ Dado que a relação genética não configura um argumento fonológico capaz de sustentar o comportamento consonantal dos glides no angolar moderno, na presente análise, discutiremos o status dos glides, conforme poderá ser visto na seção 5.

⁴ Nos termos do projeto de pesquisa maior a partir do qual foi extraída a presente análise, defendemos a posição de que a coda do angolar possibilita a ocorrência de outras consoantes, tais como as fricativas [s, ʃ], a lateral [l], as nasais [n, ŋ, m] e os glides [j] e [w]. Os resultados específicos relacionados à coda do angolar serão detalhados em um artigo futuro.

(1)



Além da subdivisão entre onsets e rimas, a sílaba pode ser organizada a partir da sonoridade de seus segmentos. Por conseguinte, há uma sonoridade crescente no ataque e decrescente na coda (Bisol, 2013). Assumindo a condição de sequência de sonoridade, tanto o ataque quanto a coda organizam-se em relação ao núcleo, que é o elemento mais sonoro da sílaba. Em vista disso, o ataque é composto por elementos de menor sonoridade comparado ao núcleo. Até o pico, portanto, a sonoridade tende a se encontrar (sobretudo em sequências de duas consoantes em ataque) em escala crescente. A coda, por seu turno, é também composta por elementos de sonoridade inferior ao núcleo silábico, o que leva a uma escala decrescente de sonoridade do pico. O núcleo, portanto, é o componente central da sílaba, cercado por elementos cuja sonoridade segue um padrão de acréscimo ou decréscimo.

A sonoridade é comumente representada através de uma escala que diz respeito a um ordenamento de segmentos que parte dos mais altos em sonoridade, como as vogais, até os mais baixos na sonoridade, como as obstruintes. Assim, temos o seguinte ordenamento adaptado de Zec (2006, p. 177):

(2) **V** (vogais) > **G** (Glides) > **L** (líquidas) > **N** (nasais) > **O** (obstruintes)

Blevins (1995, p. 209) salienta a relação que subjaz entre qualquer membro de uma sílaba e o pico silábico, em que somente sons mais altos na hierarquia de sonoridade são permitidos. A sonoridade é um importante condutor no que diz respeito à constituição silábica de uma língua. Portanto, através da escala de sonoridade, a composição de uma sílaba básica é iniciada com identificação do núcleo. Assim, o pico de sonoridade mais alto na sílaba é o núcleo. A partir desse ponto, a rima é projetada, e a sílaba é constituída. Somente depois da projeção da rima, inicia-se a ramificação à esquerda; desse modo, consoantes adjacentes são mapeadas de acordo com o Princípio da Maximização do Ataque (Selkirk, 1982; Clements; Keyser, 1983). A partir desse ponto, a coda, ao se adjungir à rima das consoantes contíguas até então não silabificadas, pode ser formada.

Ainda sobre princípios universais e condições particulares das línguas, há três generalizações importantes quanto à sonoridade e ao núcleo em conjunto com a Generalização de Sequenciamento Silábico (*Sonority Sequencing Generalization*), a saber: (i) todas as línguas têm sílabas que contêm núcleo vocálico não alto; (ii) se uma língua aceita um segmento silábico com valor de sonoridade *x*, então todos os segmentos com valores de sonoridades maiores do que *x* são também potenciais núcleos silábicos; (iii) dentro de uma língua, núcleos opcionais nunca são mais sonoros do que os núcleos obrigatórios (Blevins, 1995, p. 216).

Quadro 3 - Escala de soância (O: obstruinte; N: nasal; L: líquida; G: glide; V: Vogal).

O	< N	< L	< G	< V	
-	-	-	-	+	silábico
-	-	-	+	+	vocóide
-	-	+	+	+	aproximante
-	+	+	+	+	soante
0	1	2	3	4	grau de soância

Fonte: Clements (1990, p. 294).

Baseado também em uma escala de sonoridade, Clements (1990) postula o *Princípio de Sequenciamento de Soância* (PSS). O PSS pressupõe que os segmentos mais altos da escala de sonoridade ficam no núcleo da sílaba, ao passo que os segmentos mais baixos da escala de sonoridade deslocam-se para as margens. Clements (1990, p. 294) propõe uma escala, descrita no Quadro 2, que se assemelha àquela proposta por Selkirk (1984), sobrepujando-se àquela, ao acrescentar o grau de soância. De acordo com Ramos e Tenani (2009, p. 25), o acréscimo do grau de soância permitiu que se pudesse explicar a preferência, no português brasileiro, por sílabas com elementos adjacentes em ataques e codas complexos separados por uma distância mínima de dois graus na escala ($0 < 2 < 4$).

De acordo com a Lei do Contato Silábico (Murray; Vennemann, 1983), numa sequência de segmentos heterossilábicos do tipo A\$B, A é preferencialmente mais sonoro do que B (Collishonn, 1999, p. 102). Desse modo, conjugando o PSS e a Lei do Contato Silábico, constata-se que a alta sonoridade é esperada em segmentos em posição de coda, ao passo que a baixa sonoridade é esperada em segmentos em posição de onset. Por conseguinte, sendo a silabificação o processo de mapeamento de uma sequência de segmentos ao molde silábico de uma língua, é necessário que o segmento que se candidata a ocupar uma determinada posição na sílaba siga a ordem de sonoridade crescente em direção ao pico e decrescente a partir dele (Bisol, 2013). Após uma breve apresentação da nossa fundamentação teórica, na próxima seção, trataremos dos procedimentos metodológicos executados para a realização do estudo.

4 METODOLOGIA

Para a execução da pesquisa, foram conduzidas duas viagens de campo na comunidade de São João dos Angolares, em São Tomé, no início de 2014 e no final de 2018. As viagens duraram até dois meses, durante as quais foram feitas gravações com falantes de angolár. Além das entrevistas, que tiveram uma duração média de 30 minutos, foram registradas histórias da comunidade e realizados testes com pares mínimos, julgamentos de gramaticalidade e testes de reação subjetiva para verificar a aceitabilidade de certas realizações e observar aspectos fonológicos da língua.

Durante a coleta, os itens foram submetidos à conferência de grafia, transcrição e significado em conjunto com os falantes. Assim, em caso de erro, o item era prontamente corrigido. Feito isso, foram gravados, com os falantes, itens que não tivessem sido registrados anteriormente, mas que, por meio de listas de palavras em português, fosse possível questioná-los sobre como os mesmos poderiam dizer a mesma ideia ou palavra em angolár. Ao mesmo tempo em que eram feitas as gravações,

foi feita também a transcrição dos dados coletados, com base em uma análise de oitiva. A transcrição, feita imediatamente após as gravações, era de suma importância, uma vez que, em caso de a gravação apresentar uma qualidade de áudio ruim ou mesmo se o dado estivesse inaudível, era possível, sendo qualquer uma dessas situações detectadas, resolver por meio da repetição da gravação do item que ofereceu dificuldades ao entendimento. Os dados coletados foram transcritos e resultaram em uma lista de cerca de 2900 verbetes com transcrições fonéticas, que serviu como base para esta pesquisa.

Embora as viagens de campo tenham sido fundamentais para a consecução do trabalho - viabilizando a formação do *corpus*, trazendo, por conseguinte, uma maior fluidez para análise dos dados -, tivemos alguns contratempos durante a estadia, devido à infraestrutura precária do país, tais como o constante racionamento ou interrupção do fornecimento de energia elétrica (durando até mesmo cinco dias). Ademais, não encontramos, nas duas pesquisas de campo, um espaço adequado para captação precisa de áudio; por essa razão, fizemos as gravações em ambientes abertos, em geral, na parte externa das casas dos participantes, levando ao descarte de alguns trechos gravados pela impossibilidade de acuidade auditiva.

Para a execução da pesquisa, nos concentramos nos dados coletados em gravações espontâneas (1524 palavras de cerca de 2900 verbetes) para fazer as análises em geral. Diante do intenso contato com o português e pela natureza do objeto de análise do presente estudo, a sílaba, foram considerados os dados da primeira coleta dos falantes que apresentavam o angolar como língua primeira, constituindo, assim, um *corpus* de análise de 1524 itens com 4 participantes bilíngues que têm o angolar como língua materna e o português como L2 (ver quadro 2). Cabe ainda dizer que, para a análise especificamente das nasais + obstruintes em início de palavra, optamos pelos dados reunidos em gravações controladas que tiveram uma duração média de 10 minutos. A escolha pelo *corpus* coletado em gravação controlada com frases-veículo (**N ga fa x bathu** / *Eu falo x baixo*), ainda que com um número reduzido de itens (140 palavras de 3 participantes), se dá pela natureza do objeto (nasal + obstruinte), posto que é importante isolar a variável e garantir o mesmo item e contexto de realização (como posição na sílaba e na palavra) em casos de aspectos pouco descritos. Os participantes foram instruídos a repetir, três vezes, as frases-veículo da forma mais natural e espontânea possível. Assim, realizamos uma verificação acústica de algumas dessas 140 palavras. Para tanto, utilizamos o software *Praat – version 6.2.20* (Boersma; Weenink, 2022), para observar a consoante nasal antecedente a obstruinte em início de palavras.

No que diz respeito à composição do *corpus*, é válido destacar que o número de participantes englobados na pesquisa é relativamente reduzido (4 quatro), o que, por sua vez, se configura como uma das limitações inerentes a este estudo. Além desse aspecto, é importante mencionar que os participantes selecionados não se enquadram no perfil de monolinguismo, uma vez que possuem um domínio competente tanto do angolar quanto do português. A avaliação desse domínio foi estabelecida por meio da observação em trabalho de campo das interações dos participantes com outros falantes em ambas as línguas.

Ademais, a diferenciação entre os falantes de português como L1 e L2 se mostrou uma variável relevante para a descrição da sílaba. Essa distinção foi estabelecida a partir dos dados coletados por meio de um questionário social aplicado

a cada participante. O questionário abordou, entre outros aspectos, a primeira língua adquirida na infância e a língua utilizada predominantemente na comunicação com o núcleo familiar durante a infância. Não houve relato de aquisição simultânea das duas línguas na primeira infância (ou seja, nos primeiros seis anos completos). Para os 4 participantes que têm o angolar como língua materna, o contato mais intenso com o português se iniciou com a vida escolar (a partir dos 7 anos de idade). O angolar, por estar em contato contínuo com o português, pode apresentar variações na sua manifestação fonético-fonológica e lexical, conforme influências de estrutura da língua majoritária. Atualmente, não é mais necessário haver o deslocamento para os centros urbanos para que os angolares tenham contato com o português. Em comunidades como São João dos Angolares, o português se tornou a língua franca, a língua de ensino e a língua materna da maior parte dos seus residentes. Esse cenário, no entanto, muda em zonas mais interioranas, como a comunidade de Rio Grande, onde as crianças aprendem português na escola aos 6 ou 7 anos, mas, dentro da comunidade, a língua efetivamente utilizada é o angolar. Em contraste, na comunidade de São João dos Angolares, o português já suplantou o angolar em uso cotidiano. Em vista disso, a distinção entre os falantes de angolar como L1 e L2 foi importante para avaliarmos as possíveis implicações na evolução da língua. Aqueles cuja língua materna é o angolar podem proporcionar uma realização mais representativa da estrutura linguística nativa, enquanto os falantes de português como L1 podem oferecer insights sobre a maior influência do português no angolar. Assim, ao concentrarmos nossa análise nos dados da primeira coleta dos falantes do Grupo 1 (indivíduos bilíngues cuja língua materna é o angolar), buscamos capturar as particularidades específicas do angolar em seu vernáculo e minimizar o efeito inevitável do contato com o português.

No Quadro 4, dispomos o quadro social dos participantes do *corpus* efetivamente utilizado.

Quadro 4 – Participantes do *corpus* utilizado (ensino: básico (até 4 anos), fundamental (6-9 anos), secundário (10-12 anos) e graduação).

Falante	Idade	Sexo	L1	L2	Ensino	Ano da coleta	Gravação
2	71	M	Angolar	Português	Básico	2014 (1ª coleta)	Espontânea Controlada
4	32	M	Angolar	Português	Fundamental	2014 (1ª coleta)	Espontânea Controlada
7	33	M	Angolar	Português	Graduação	2014 (1ª coleta)	Espontânea
11	44	M	Angolar	Português	Básico	2018 (1ª coleta)	Espontânea Controlada

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como o recorte utilizado foi feito a partir de falantes de angolar como L1, enfrentamos dificuldades consideráveis para reunir participantes com esse perfil, resultando em uma amostra reduzida e desbalanceada. Não obtivemos equilíbrio quanto à idade e ao sexo dos participantes: todos são homens, com uma disparidade etária entre um participante idoso (71 anos) e os demais (intervalo de 32 a 44 anos). Essa discrepância se deve a fatores socioeconômicos e culturais na comunidade de São João dos Angolares. As mulheres enfrentam uma tripla jornada de trabalho, o que limita seu tempo livre e disponibilidade para participar da pesquisa. Além disso, os homens frequentemente consomem álcool em excesso, afetando sua prontidão para

participar de gravações. Para mitigar esses desafios, as gravações foram estrategicamente agendadas após o término do trabalho e antes do início da ingestão alcoólica. Reconhecemos que essas condições podem ter influenciado a amostra e destacamos a necessidade de considerar essas questões em futuras pesquisas para obter uma amostra mais representativa em termos de sexo e idade. Outra discrepância observada diz respeito à educação formal, pois reconhecemos que a formação educacional pode influenciar o contato linguístico dos participantes com o português, especialmente o participante com graduação completa, que provavelmente tem um contato mais intenso com o português. Apesar de o referido desequilíbrio ser uma limitação, consideramos que tal fato não compromete a validade das observações fonético-fonológicas feitas. Para pesquisas futuras, buscaremos uma amostra mais homogênea em termos de escolaridade ou um controle mais rigoroso dessa variável.

Os itens observados foram tabulados e submetidos a um levantamento automático de padrões silábicos a partir do *software* Dekereke (Casali, 2022). O *software* fornece diversas ferramentas para o tratamento de dados, permitindo a investigação de propriedades fonotáticas de qualquer tipo de *corpus*, gerando gráficos de segmentos e sequências fonológicas, como quadros de vogais e consoantes e padrões silábicos. Como os padrões silábicos obtidos, passamos à checagem item a item para averiguar se a atribuição silábica automática atendeu aos princípios teóricos norteadores da análise, como o Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (Selkirk, 1982; 1984; Clements, 1990). Após esse exame sistemático dos itens, na próxima seção, os padrões silábicos no angolar serão propostos no que diz respeito ao *onset*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o resultado obtido pelo levantamento automático de sílabas do Dekereke (Casali, 2022), o angolar apresenta os seguintes tipos de sílabas: V, CV, CGV, CCV, CVC, VC e VG (ver Quadro 5).

Quadro 5 - Resultado geral das sílabas encontradas a partir da realização fonética dos itens.

Tipo Silábico	Início de Palavra	Meio de Palavra	Final de palavra	Exemplos do tipo silábico
CV	1421	634	1546	[dɔ.'to.lu] “médico”
V	172	56	55	[u.'fwa] “odor”, [a.'bli] “abril”
CGV	55	2	56	[kwe.lu] “coelho”, [me.'dʒja] “meio dia”
CVC/CVG	24	3	13	[a.mis.tra.'sõ] “administração”, [se.'te fe.le] “sexta-feira”, [mal.'va.du] “pessoa ruim”, [me.gaj] “mulher”, [mil] “mil”
CCV	22	0	10	[fla.ku] “fraco”, [fle.'ge.ʒi] “frequês”, [gla.vi] “bonito/a”
VC	3	0	1	[os.te] “ostra”, [i.f.tu.'de.ti] “aluno”, [is.'pa.de] “espada”, [ʒu.is] “juíz”
VG	1	0	0	[aw.to ka.ru] “ônibus”

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir do Quadro 5, podemos observar que o tipo silábico mais encontrado nos dados foi o CV, seguido por sílaba V. Tal resultado era esperado, tendo em vista a tendência geral das línguas em direção ao tipo CV e também devido à diacronia da

língua. O angolano antigo apresentava, em seu inventário, um favorecimento por sílaba com *onsets* simples e sílabas leves/abertas (isto é, sem rima ramificada).

No ataque silábico, é possível haver uma consoante ou um glide compondo um *onset* simples. Todas as seguintes consoantes podem ocupar a posição de *onset* em início e meio de palavra: /p, t, k, b, d, g, f, θ, s, ʃ, v, ð, z, ʒ, m, n, ɲ, l, r/, com a exceção de /ʎ/, cujos registros não indicaram a realização em posição inicial de palavra.

Quadro 6 - Consoantes constituintes de *onset* simples no angolano.

<i>Onset</i>	<i>Início de Palavra</i>	<i>Meio de Palavra</i>
<i>p</i>	[pɛ. 'ka.rɔ] “pecado”	[su. 'pɛ.tɔ] “sábio”
<i>b</i>	[be. 'ku] “tartaruga”	[fe. 'bɛ] “febre”
<i>t</i>	['ta.fɐ] “tarrafa”	[i. 'tɛ] “útero”
<i>d</i>	['do.lo] “tristeza”	['gũ.dɐ] “seduzir”
<i>k</i>	[kɐ. 'dʒa] “candeeiro”	['a.fi.kɐ] “África”
<i>g</i>	[ga. 'i.ru] “grande”	[i. 'go] “pescoço”
<i>f</i>	[fi. 'ni.ni] “funil”	[a. 'fa.sɪ] “alface”
<i>v</i>	['vũ.gɔ] “canção”	[kɐ. 'vi] “palha do andim”
<i>θ</i>	[θɐ.ða.lɐ] “senzala”	[pɛ. 'θa] “pensar”
<i>ð</i>	[ðɔ. 'ge] “cesto de lixo”	[pɛ. 'ða] “prestar”
<i>ʃ</i>	[i. 'vi] “servir”	[gɔ. 'fi] “noite”
<i>ʒ</i>	[ʒi.ʒi. 'ka] “gravata”	[fle. 'ge.ʒi] “freguês”
<i>m</i>	[ma. 'la.ʃɔ] “filhote de tubarão”	['la.mɐ] “lama”
<i>n</i>	['no] “1ª pessoa do plural”	[a. 'mõ.ni] “amante”
<i>ɲ</i>	[no. 'ko] “cansar”	[i. 'ɲɛ] “unha”
<i>l</i>	[la. 'zõ] “razão”	[fu. 'la] “furar”
<i>r</i>	[ra. 'ra] “tipo de peixe”	['de.rɔ] “dedo”
<i>ʎ</i>	---	[ku. 'ʎe.ri] “colher”
<i>s</i>	['sɔ.ga] “sogra”	[kɐ. 'se.rɐ] “asma”
<i>ʒ</i>	[zu. 'ga] “atirar”	[le. 'za.rɔ] “manco”

Fonte: Elaborado pelos autores.

O *onset* complexo pode ser constituído por CC, sendo que o segundo segmento pode ser /l/ ou /r/. Quase todas as consoantes obstruintes podem ocupar a primeira posição de *onset* em início e meio de palavra: /p, b, t, d, k, g, f/ diante de /l/ ou [r], com a exceção de /v/, /t/ e /d/, cuja realização não foi observada nos registros com consoante líquida na segunda posição.

Quadro 7 - Consoantes constituintes de *onsets* complexos no angolano, cujo C2 é uma consoante líquida.

C1	C2	Início de Palavra	Meio de Palavra
p	l	['plɛ mɛ. 'lõ] “Praia Melão”	[i. 'zɛ.plɔ] “exemplo”
b	l	[bla. 'bi] “varize”	[tu. 'blõ] “tubarão”
t	l	---	---
d	l	---	---
k	l	[kli. 'ni.ka] “farmácia”	[bi. 'i. 'kle.tɐ] “bicicleta”
g	l	['gla.vi] “belo”	---
f	l	['fla.ko] “frágil”	---
v	l	---	---
t	r	['trĩ.kɔ] “fechadura”	['kõ.trɐ] “amuleto”
g	r	[gra. 'va.tɐ] “gravata”	---
d	r	---	[ma. 'dri] “útero”

f	ɾ	[ˈfrõ.nɐ] “fronha”	---
p	ɾ	[ˈpri.mõ] “primo”	[kõ.pri.ˈka] “complicar”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ademais, é possível haver um *onset* complexo constituído também por CG, sendo o segundo segmento /j/ ou /w/.

Quadro 8 - Consoantes constituintes de *onsets* complexos no angolar com glide [w] na segunda posição do *onset*.

C	G	Início de Palavra	Meio de Palavra
b	w	[ˈbwa.rõ] “bom”	[tu.ˈbwa] “tubarão”
d	w	---	[mõ.ˈdwa] “monte pequeno”
f	w	---	[ũ.ˈfwa] “mau cheiro”
v	w	---	[u.ˈvwa] “nove”
s	w	---	[uˈswa] “vinho de palma podre”
g	w	[ˈgwa.rɐ] “guarda”	[sa.ˈgwa] “enxaguar”
k	w	[ˈkwa.ni] “cesto”	[ˈmẽ.kwa] “manco”
ʒ	w	---	[a.me.ˈʒwa] “ameijoia”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 9 - Consoantes constituintes de *onsets* complexos no angolar com glide [j] na segunda posição do *onset*.

C	G	Início de Palavra	Meio de Palavra
p	j	[te.ˈpja] “tempera”	---
t	j	---	[ˈfu.tja] “estrangeiro”
d	j	---	[u.ˈdja] “orelha”
g	j	---	[le.ˈgja] “alegria”
f	j	[ˈfjɐ] “folha”	---
s	j	---	[de.mo.ka.ˈsja] “democracia”
z	j	---	[vi.zja.ˈro] “inspetor”
m	j	[ˈmjõ.gɐ] “mar”	[ko.no.ˈmja] “economia”
n	j	---	[a.lu.ˈmi.nju] “alumínio”
r	j	---	[a.lu.ˈma.rju] “armário”

Fonte: Elaborado pelos autores.

No angolar, é possível observar uma flutuação na realização dos ditongos crescentes⁵ (uma vogal antecedida por [j] ou [w]). Tais ditongos podem ser realizados de duas formas: como ditongo ou como hiato, como em (1) a (4).

- (1) [ˈbwa.rõ] ~ [ˈbu.a.rõ] “bom”
- (2) [ũ.ˈfwa] ~ [ũ.ˈfu.a] “mau cheiro”
- (3) [ˈmjõ.gɐ] ~ [mi.ˈõ.gɐ] “mar”
- (4) [vi.zja.ˈro] ~ [vi.zi.a.ˈro] “inspetor”

Como ocorre no português brasileiro, os ditongos crescentes no angolar podem ser considerados hiatos lexicais. Isso significa que os ditongos crescentes são derivados pós-lexicalmente por meio da ressilabificação: **bu.a.ru** se torna **bwaru**

⁵ Em função do caráter de delimitação deste estudo, não apresentaremos, aqui, os espectrogramas referentes a cada uma dessas formas. Em um estudo futuro, referente, especificamente, à estrutura dos glides, abordaremos as produções acústicas dessas formas variantes.

“bom” e **mi.on.ga** se torna **mjon.ga** “mar”. Assim, em nível pós-lexical, a vogal alta pode se transformar em glide, formando assim o ditongo crescente⁶ (Bisol, 2013, p. 40).

Considerando os dados até aqui apresentados, o ataque silábico no angolar atende ao Princípio da Sequência de Sonoridade (O- obstruente: 0; L - líquida: 2; G- glide: 3), sendo, portanto, crescente até o núcleo silábico: C_01C_{L2} ($0 < 2$); e C_0G ($0 < 3$).

5.1 Sobre a nasal e a obstruente

A similaridade articulatória entre obstruintes e nasais pode levar a uma conexão na fonologia de várias línguas, em que sequências de nasal seguida por uma oclusiva devem ser homorgânicas. Em certos casos, tais sequências são tratadas como segmentos unitários, especialmente quando ocorrem no início da sílaba, sendo denominadas “oclusivas pré-nasalizadas”. Esse fenômeno é indicado por um símbolo nasal sobrescrito antes do símbolo da oclusiva (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 199). Em angolar, foram encontradas realizações de nasais e obstruintes em início de palavra, em que a consoante nasal assume o ponto de articulação da oclusiva imediatamente posterior, como no Quadro 10.

Quadro 10 - Nasal + Obstruente em início de palavra em angolar.

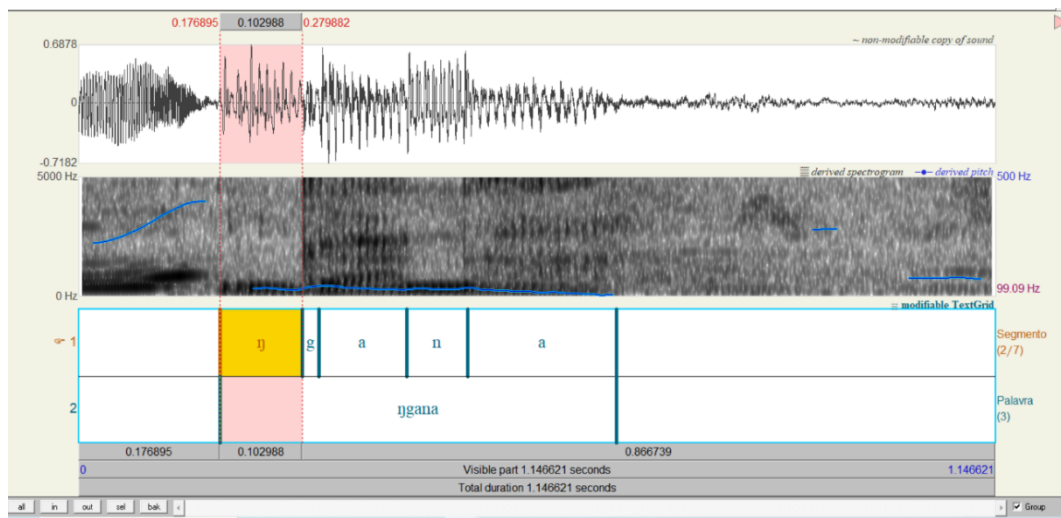
C	C	Início de Palavra
n	t	[nta.'rɪ] “metade”
n	d	[ʼndʒja] “dia”
ŋ	k	[ŋki.'la] “cauda de animal”
ŋ	g	[ŋga.'na] “enganar”
m	p	[ʼmpu.nɐ] “joelho”
m	b	[ʼmbɐ.dɐ] “lado, metade”

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos exemplos dispostos, há as seguintes possibilidades de interpretação a respeito da nasal + obstruente em posição inicial de palavra, podendo tratar-se de: (1) uma nasal silábica; (2) uma vogal nasalizada; (3) uma consoante pré-nasalizada. Discutiremos cada uma das possibilidades. Assumir, como proposto em (1) e por Bandeira et al. (2021), a consoante nasal como silábica, implicaria um custo em termos de escala, pois haveria, em angolar, um núcleo com baixa sonoridade. Ademais, vale recuperar o segundo item da Generalização de Sequenciamento Silábico (*Sonority Sequencing Generalization*): se uma língua aceita um segmento silábico com valor de sonoridade x, então todos os segmentos com valores de sonoridades maiores do que x são também potenciais núcleos silábicos (Blevins, 1995, p. 216). Portanto, se admitirmos que a consoante nasal, em angolar, é silábica, tal assunção implicaria, teoricamente, que sons com maior sonoridade, como líquidas, poderiam também

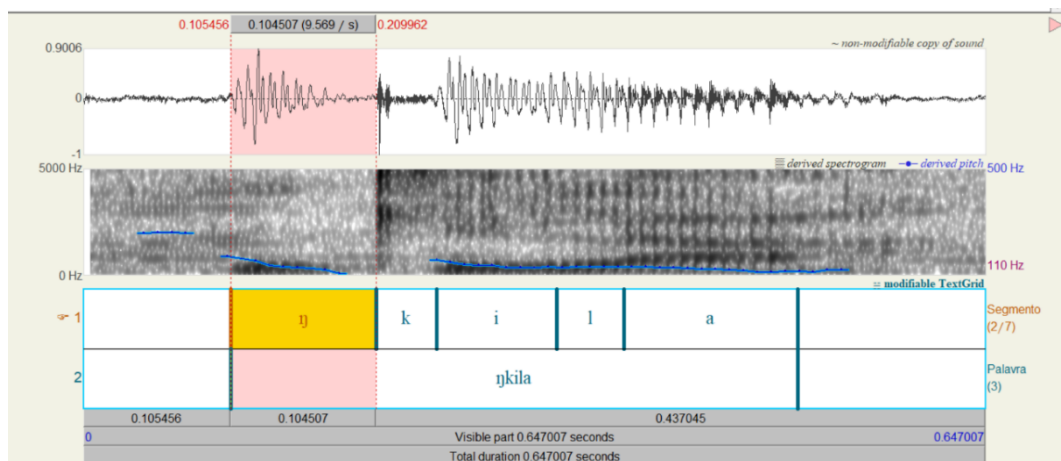
⁶ Em virtude das limitações de nosso *corpus*, a presente análise não nos permite dizer se a sílaba CGV somente ocorre pós-lexicalmente, não sendo uma estrutura básica do léxico angolar. Por ora, os dados de variação de nosso *corpus* permitem apenas a afirmação cautelosa de que a estrutura CGV pode ser considerada uma manifestação pós-lexical, emergindo de processos fonológicos aplicados às formas lexicais. Estudos futuros deverão responder à questão referente à possibilidade de todos os glides encontrados na superfície serem oriundos de um hiato na subyacência, ou de haver, também, glides lexicais no angolar.

ocupar a posição de núcleo, porém não foram encontradas evidências para tanto. Também não é possível tratar tais segmentos como uma vogal nasalizada, dado que uma porção dos dados do nosso *corpus* de palavras com a nasal inicial não apresentou indícios para essa assunção. No caso de tais sequências, realizamos, em caráter exploratório, verificações acústicas com o *software* Praat – version 6.2.20 (Boersma; Weenink, 2022). Um exemplo da falta de pistas acústicas que suportem a presença de uma vogal no contexto referido são os itens **ngana** [ŋga.'na] “enganar” (Figura 3) e **nkila** [ŋki.'la] “cauda” (Figura 4). Nas Figuras 3 e 4, não se encontram formantes esperados em uma produção vocálica em início de palavra. Na figura 3, tal ausência vocálica é reafirmada pelo fato de que, se houvesse uma vogal nasalizada [ĩ] no início de **nkila**, seria esperado um segundo formante mais nítido, já que uma posição mais alta de F2 é atestada para a vogal alta anterior, o que não ocorre.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 3 - Produção de [ŋga.'na] “enganar” na frase-veículo **N ga fa x bathu** “Eu falo x baixo” em angolar.

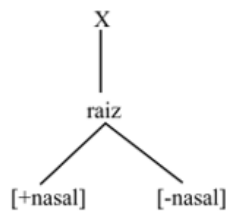


Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 4 - Produção de [ŋki.'la] “cauda” na frase-veículo **N ga fa x bathu** “Eu falo x baixo” em angolar em angolar.

Além de considerarmos as evidências acústicas para comprovação das consoantes pré-nasalizadas, é preciso também considerar como as pré-nasalizadas se comportam quanto à escala de sonoridade. Para tratar da questão, é necessário estabelecer antes como representar tais segmentos. Em primeiro plano, já assumimos que a nasal e a obstruente em início de palavra, em angular, não estão em sílabas diferentes, mas em uma mesma sílaba. Contudo, se decidíssemos tratar a sequência nasal + obstruente como segmentos distintos ocupando o *onset*, haveria uma violação ao princípio, pois não se observaria uma sonoridade crescente até o pico silábico ($1 < 0 < 3$), como preconiza a escala. Em contrapartida, caso se trate a sequência nasal + obstruente em início de palavra como segmento em contorno, a escala de sonoridade não seria afetada, posto que sua atuação se dá no nível segmental.

(5)



Desse modo, a violação à escala de sonoridade pode ser evitada ao tratarmos a sequência como segmento de contorno nasal (cf. Damulakis, 2010), não sendo então dois segmentos discretos, mas um segmento em contorno ocupando a posição de *onset* simples ($[^{\text{q}}\text{k}, ^{\text{q}}\text{g}, ^{\text{m}}\text{b}, ^{\text{m}}\text{p}, ^{\text{n}}\text{d}, ^{\text{n}}\text{t}]$) como demonstrado em (5) (Clements; Hume; 1995). É relevante acrescentar que essa sequência, embora seja analisada como uma consoante, possui restrições fonotáticas distintas de outras consoantes. Tal segmento, por exemplo, ocorre exclusivamente no início de palavras e não participa de ataques complexos seguidos de /r/ ou /l/.

5.2 Síntese

No Quadro 11, são sintetizadas as estruturas de superfície que constituem o *onset* do angular propostas por Maurer (1995), Lorenzino (1998), Bandeira (2017), Bandeira et al. (2021) e a presente análise.

Quadro 11 – Estruturas de *onset* em sílaba fonológica do angular segundo Maurer (1995) e Lorenzino (1998), Bandeira (2017), Bandeira et al. (2021) e a análise atual.

	Maurer (1995)	Lorenzino (1998)	Bandeira (2017)	Bandeira et al. (2021)	Análise atual
V	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
VV	SIM	---	SIM	SIM	---
CV	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
CVN	---	---	SIM	SIM	SIM
CVV	SIM	SIM	SIM	SIM	---
CVVN	---	---	SIM	SIM	---
CGV	---	SIM	SIM	SIM	SIM
CGVN	---	---	SIM	SIM	SIM
N	---	---	---	SIM	---
CCV	--	--	---	SIM	SIM

CCVN	--	--	---	---	SIM
------	----	----	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os achados da análise atual, conforme sintetizados no Quadro 11, revelam algumas observações significativas em comparação com as propostas anteriores de Maurer (1995), Lorenzino (1998), Bandeira (2017) e Bandeira et al. (2021). Em comparação com as propostas anteriores, destacam-se os seguintes aspectos: a) confirmação de padrões anteriores; b) diferenças na consideração da nasal + obstruente. Na análise atual, reafirmamos alguns dos pontos propostos por Bandeira et al. (2021), o que sugere que esses padrões podem ser robustos e consistentes na língua. Isso fortalece a validade das conclusões anteriores e fornece mais evidências em apoio aos padrões CGV, CGVN, CCV e CCVN. Enquanto Bandeira et al. (2021) propunham que as nasais em início de palavra seguidas por obstruintes em angular fossem classificadas como silábicas, a análise atual toma outra posição. Consideramos esses elementos como oclusivas pré-nasalizadas, tratando-as como um único segmento de contorno. Essa diferença na interpretação reflete perspectivas diferentes sobre a natureza fonológica dessas consoantes, demonstrando uma compreensão distinta a respeito da organização silábica da língua analisada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo perseguiu as seguintes metas: (i) identificar os padrões silábicos presentes na língua angular especialmente quanto ao *onset*; (ii) observar as relações entre o ataque silábico do angular e os Princípios da Sonoridade, incluindo a aplicação da Lei do Contato Silábico (Murray; Vennemann, 1983); (iii) comparar a análise do *corpus* com as descrições prévias de Maurer (1995), Lorenzino (1998), Bandeira (2017) e Bandeira et al. (2021). Desse modo, com relação ao primeiro objetivo, no que diz respeito às constituições silábicas no *corpus*, encontramos as seguintes possibilidades: V, CV, CGV, CCV, CVC, VC e VG.

Quanto ao segundo objetivo, a análise dos dados revelou uma organização silábica coerente com a hierarquia de sonoridade. A estrutura das sílabas segue padrões como C1V e C1C2V, respeitando a sequência de sonoridade. Essa disposição é corroborada pela preferência por *onsets* simples, compostos por uma única consoante, bem como pela ocorrência de consoantes pré-nasalizadas. Assim, as sílabas na língua são estruturadas da seguinte forma: C1V, onde C1 representa a consoante menos sonora e V representa a vogal, elemento mais sonoro, ou C1C2V, onde C1 representa uma obstruente e C2 representa uma consoante líquida, mais sonora, do que a obstruente e menos sonora do que a vogal, e V, o pico silábico. A observância dessa hierarquia de sonoridade demonstra o cumprimento às tendências universais relacionadas à organização silábica.

De acordo com o *Princípio de Sequenciamento de Soância* (PSS), constatamos a presença de consoantes pré-nasalizadas em angular que não podem ser prontamente classificadas como núcleos ou coda. Da mesma forma, a interpretação de tais segmentos como um *onset* complexo não é viável, uma vez que isso iria de encontro à escala de sonoridade. Nesse contexto, uma abordagem plausível é considerá-las como segmentos de contorno nasal, agrupando a sequência nasal + oclusiva como um único elemento no *onset*. Além disso, uma verificação acústica de alguns dados, de caráter exploratório, revela que a consoante nasal antecede a obstruente no início de palavras.

Por fim, quanto aos pontos de convergência e discrepância entre a análise dos dados coletados neste estudo e as descrições anteriores da estrutura silábica do angolar (Maurer, 1995; Lorenzino, 1998; Bandeira, 2017; Bandeira et al., 2021), a análise atual identificou uma estrutura silábica não abordada nas propostas de Maurer (1995) e Lorenzino (1998), como a CCVN. Além disso, confirmamos alguns padrões propostos por Bandeira (2017) e Bandeira et al. (2021), corroborando a presença desses padrões na língua. Essa confirmação reforça as conclusões anteriores e oferece mais evidências em apoio aos padrões CGV, CGVN, CCV e CCVN. Divergindo de Bandeira et al. (2021), interpretamos as nasais seguidas por obstruintes no início de palavras como oclusivas pré-nasalizadas, tratando-as como um único segmento de contorno.

Em síntese, as descobertas revelam um angolar que se alinha com princípios fonológicos universais, ao mesmo tempo em que apresenta suas peculiaridades, frutos de um contexto linguístico e social de intenso contato com o português.

REFERÊNCIAS

- Agostinho AL. Fonologia e método pedagógico do lung'Ie [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2015.
- Agostinho AL. Fonologia do lung'Ie. München: Lincom Studies in Pidgin and Creole Linguistics. (15); 2016.
- Araujo G, Agostinho AL. Fa do Vesu, a language game of Fa d'Ambô. PAPIA. 2014;24(2):265-281.
- Balduino AM. Fonologia do português de São Tomé e Príncipe [tese] São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2022.
- Bandeira M. Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2017.
- Bandeira M, Agostinho AL, Freitas S. Aspectos fonético-fonológicos do angolar moderno. Alfa. 2021;65:1-31.
- Bisol L. A sílaba e seus constituintes. In: Abaurre MB, organizadora. A construção da palavra fonológica. São Paulo: Contexto; 2013. p. 21-52.
- Blevins J. The syllable in phonological theory. In: Goldsmith J, editor. Handbook of phonological theory. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing; 1995. p. 206-244.
- Boersma, P., Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. 1 jan 2022.
- Casali R. Dekereke Phonology Software Tool. 24 nov 2022. Disponível em: <https://casali.canil.ca/Dekereke/>.
- Ceita MN. Ensaio para uma reconstrução histórico-antropológica dos angolares de S. Tomé [trabalho de conclusão de curso]. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, Instituto Universitário de Lisboa; 1991.
- Clements GN. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: Kingston J, Beckman ME, editores. Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech. Cambridge: Cambridge University Press; 1990. p. 283-333.
- Clements GN, Hume E. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith J, editor. Handbook of phonological theory. Nova Jersey: Wiley Blackwell Publishing; 1995. p. 245-306.
- Clements GN, Keyser SJ. CV phonology: a generative theory of the syllable. Cambridge: MIT Press; 1983.
- Collischonn G. A sílaba em português. In: Bisol L. (Org.). Introdução a Estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 101-129.
- Damulakis GN. Sequenciamento de sonoridade e contorno nasal em línguas Macro-Jê. Revista de Estudos da Linguagem. 2010;18(1):35-49.

- Ferraz LI. A Linguistic Appraisal of Angolar. *Memoriam Antônio Jorge Dias*. 1974, v. 2: p. 177-186.
- Hagemeijer T. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: Aboh E, Smith N, editores. *Complex processes in new languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company; 2009. p. 29-50.
- INE. Recenseamento Geral da População e da Habitação: Características Educacional da População. São Tomé: INE; 2013.
- Ladefoged P, Maddieson I. *The sounds of the world's languages*. Londres: Blackwell; 1996.
- Lorenzino G. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: its grammar and sociolinguistic history*. Munich: Lincom Europa; 1998.
- Mapmaker Interactive. MapMaker Launch Guide [homepage]. 2024. Disponível em: <http://mapmaker.nationalgeographic.org/>.
- Maurer P. L'apport lexical bantou en angolar. *Afrikanische Arbeitspapiere (Köln)*. 1992;29:163-174.
- Maurer P. *L'angolar. Un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Buske; 1995.
- Maurer P. Angolar. In: Michaelis SM, et al. *The survey of pidgin and creole languages*. Oxford: Oxford University Press; 2013.
- Murray RW.; Vennemann T. Sound Change and Syllable Structure in Germanic Phonology. *Language*. 1983;59(3):514-528.
- Ramos AP, Tenani LE. Análise métrica do apagamento das vogais postônicas não finais no dialeto do noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*. 2009;38(1):21-34.
- Selkirk E. The syllable. In: Hulst HVD, Smith N, editores. *The structure of phonological representations: Part 2*. Dordrecht: Foris; 1982. p. 337-384.
- Selkirk E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: MIT Press; 1984.
- Zec D. The syllable. In: Lacy, P, editor. *The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press; 2006. p. 161-193.